

# Espécies Arbóreas do Parque Centenário de Barra Mansa, RJ

Luciana Maria Messias Ramos<sup>1</sup>, Antônio José Batista Ribeiro<sup>2</sup> e Márcia de Fátima Vieira<sup>3</sup>

## Introdução

Os trabalhos de paisagismo, no Brasil, iniciaram-se no final do século XVII com o projeto para o Passeio Público do Rio de Janeiro. Durante o século XIX, com o aumento das populações urbanas e a mudança dos hábitos sociais, inicia-se o projeto de paisagismo urbano no país, tendo como principal cliente, a elite do Império e da República Velha, que patrocinou o ajardinamento e tratamento paisagístico das suas áreas de moradia, propiciando a criação de praças, parques, promenades e jardins sofisticados, pelas quais passeavam as famílias de posses de então [1].

O principal paisagista do Império foi o francês Auguste François Marie Glaziou. Convidado por Dom Pedro II para trabalhar no país em 1858, ele projetou os parques da Corte, entre eles o da Quinta da Boa Vista, o do Palácio de Verão de Petrópolis, o do Barão de Nova Friburgo, o Parque Centenário em Barra Mansa e muitos outros. Sua obra incorporou a tradição anglo-saxônica do tratamento da paisagem e a tropicalidade da vegetação local, criando uma simbiose entre a rica flora existente e os cânones românticos de seu modo de projetar [2]. No século XX acontecem rupturas formais no paisagismo, tendo Roberto Burle Marx como um dos principais coadjuvantes, em obras para o governo do Estado Novo. Sua obra, baseada em um sentimento nacionalista forte e formalmente diferenciada, se tornou ícone da modernidade de então, sendo o paisagista constantemente chamado para colaborar nos grandes projetos do período getulista e dos primórdios da Nova República. Burle Marx morreu em 1994 [3].

A denominação de Parque Centenário foi dada ao parque municipal de Barra Mansa, em 1922, em homenagem à independência do Brasil que completava 100 anos. O Parque Centenário também é conhecido como Jardim da Preguiça, devido a presença dessa espécie. É uma área verde localizada no centro da Cidade de Barra Mansa, criada em 1870 por Glaziou e reorganizada pelo paisagista Burle Marx, em 1991 [4]; é considerado um importante ecossistema urbano. Glaziou projetou um parque estruturado de forma a atender as necessidades de lazer da cidade de Barra Mansa. No Parque destacam-se as palmeiras e figueiras, típicas dos jardins de Glaziou. Os objetivos deste trabalho são identificar as espécies arbóreas do Parque Centenário e apresentar os resultados como incentivo à conscientização às demais localidades do País, para que fundem e preservem parques como esses.

## Material e métodos

O trabalho foi realizado a partir da confecção de um croqui (Fig.1) com as árvores representadas por pontos, acrescidos do número referente à espécie. Foram feitas fotografias, com câmera digital, e coletas de partes das árvores, com podão de vara, tesouras de poda, sacos plásticos e prensas, para as identificações das espécies. A identificação se deu com auxílio de chaves botânicas para famílias, gêneros e espécies [5,6]. Como recurso físico, utilizamos o Herbário e o Museu de Ciências do Centro Universitário Barra Mansa. Além da identificação botânica, foi realizado um trabalho de observação da fauna e do lazer dos frequentadores do Parque, relatando também alguns aspectos da interação homem x natureza.

## Resultados e discussão

Este recanto é um representante de uma época histórica de paisagismo e já chegou a ser habitat para até 50 preguiças de origem na América Central. Hoje hospeda pouco mais de 15, introduzidas no Parque em 1948, vindas da floresta de Angra dos Reis. As preguiças acabaram tendo que modificar seus hábitos para sobreviver no Parque, pois tiveram que se alimentar de folhas de outras árvores, sendo que seu principal alimento é a folha da embaúba. Mas hoje, no Parque Centenário, existem poucas árvores de embaúba, apenas nove [Tab. 1]. A falta de árvores prejudica as preguiças. Infelizmente o Parque perdeu muitas árvores, por causas naturais, como o tempo de vida das árvores, por serem velhas é natural que caíam, e hoje é preciso reflorestar. Como prova da necessidade de reflorestamento observamos que as preguiças descem para passar de uma árvore à outra, e o certo seria que as copas das árvores se encontrassem [4]. Em 2000 foi realizado um levantamento das espécies do Parque, com a participação do biólogo Paulo W. M. Bougleux e dos professores Luis Sérgio Sarahyba e a terceira autora deste, com coordenação do IEF (Instituto Estadual de Floresta) e seus resultados foram divulgados na Semana de Biologia, no Centro Universitário de Barra Mansa [7]. O presente trabalho catalogou a flora arbórea representada pelas árvores centenárias desse local, como forma de atualização dos dados, sem comparativo e sem continuidade do anterior. Foram catalogados 373 indivíduos, totalizando 36 espécies. O Parque Centenário é frequentado por diversas pessoas, que fazem caminhada, principalmente nos horários da manhã e final de tarde, por crianças que correm e brincam e por casais

1. Acadêmica do 8º Período do Curso de Ciências Biológicas no UBM-Centro Universitário de Barra Mansa, Rua Vereador Pinho de Carvalho, nº 267, Centro, Barra Mansa, RJ. CEP 27.330-550 E-mail: 2707460@ubm.br

2. Profissional de Ecoturismo em Itatiaia, pertencente ao Espaço Aventura, Esportes na Natureza, Rua Arthur Rangel, nº 136, Vila Magnólia, Itatiaia, RJ. CEP 27.580-000. Sob o registro nº 056/01, no MMA-IBAMA. E-mail: espaco\_aventura@yahoo.com.br

3. Professora Mestre no UBM-Centro Universitário de Barra Mansa, Rua Vereador Pinho de Carvalho, nº 267, Centro, Barra Mansa, RJ. CEP 27.330-550. E-mail: marciabio1963@uol.com.br

de namorados que aproveitam o romantismo do Parque para namorar. As maiores árvores passam dos 40 m e algumas assumiram formas e posições bizarras: ao penderem encostaram-se em outras e a imagem faz lembrar um mosaico. Há árvores que abrigam colméias de abelhas em seu tronco. Existe uma única araucária, ainda jovem [Tab.1], sendo ela, uma espécie considerada em extinção. O Parque tem 10 canteiros, onde ficam as árvores e é recoberto por espécies rasteiras como a jibóia (*Scindapsus aureus*); relatamos a presença de fauna como cotia (*Dasyprocta aguti*), preguiça (*Bradypus tridactylus*) e aves. Na tabela 1, estão as espécies catalogadas no Parque, assim como suas respectivas famílias e quantidade de indivíduos. Há espécies encontradas em grandes números, outras apenas um único indivíduo, o que poderá ser melhor planejado daqui em diante.

### Agradecimentos

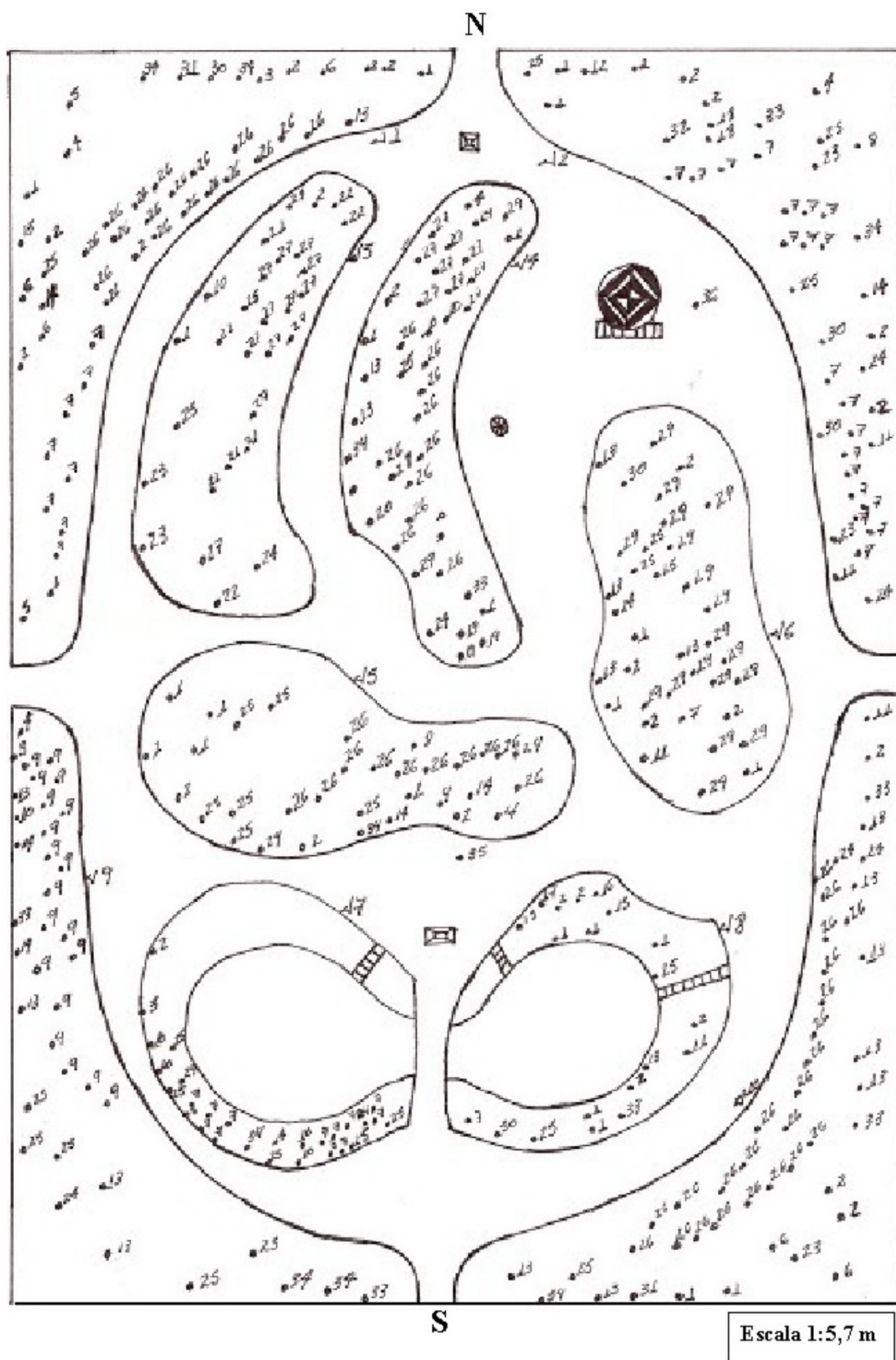
Ao Centro Universitário de Barra Mansa, pelo espaço e apoio e a Flávio Augusto Batista Ribeiro pela concessão do equipamento fotográfico.

### Referências

- [1] WEIMER, G., 2005. Arquitetura popular brasileira. Rio de Janeiro. Livraria Martins Fontes Editora Ltda p.233 a 333.
- [2] Brasília [on line], 2ª Missão Cruls, 1894-1895 <http://www.brazilia.jor.br/HistDocs/Relatorios/1894glaziouCarta.htm>
- [3] MARX, R. B. 2004. Arte & paisagem: conferências escolhidas. Nobel p.05 a 50.
- [4] ROCHA, A. C. 2006 [on line]. Jornal Diário do Vale. <http://www.diarioon.com.br/arquivo/4066/cidade/cidade-33592.htm#alto>.
- [5] ANDREATA, R. e TRAVASSOS, C. 1988. Chaves para identificação de pteridófitas, gymnospermae e angiospermae. Rio de Janeiro: EUSU.
- [6] LORENZI, H. 1998. Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas. São Paulo: Plantarum.
- [7] BOUGLEX, P. W. M.; SARAHYBA, L. S. e VIEIRA, M. F. 2000, Vegetação do Parque Centenário. Semana da Biologia – UBM. Barra Mansa. Apoio: IEF (Instituto Estadual de Floresta).

**Tabela 1.** Espécies Catalogadas no Parque Centenário. Os números correspondem às posições das árvores na Figura 1.

Nº	Nome Vulgar	Nome Científico	Família	Quantidade de indivíduos
1	Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Leguminosae	24
2	Leiteira	<i>Peschiera fuchsiaefolia</i> Miers	Apocynaceae	29
3	Pau-sangue	<i>Pterocarpus violaceus</i> Vogel	Leguminosae	3
4	Figueira-da-Índia	<i>Ficus religiosa</i>	Moraceae	7
5	Flamboyant	<i>Delonix regia</i> Raf.	Fabaceae	2
6	Nêspera	<i>Prunus domestica</i> L.	Rosaceae	5
7	Palmeira-leque	<i>Livistona chinensis</i> R. Br	Palmae	43
8	Sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth	Leguminosae	2
9	Beija-uva	<i>Aiphanes aculeata</i> Willd	Palmae	19
10	Embaúba	<i>Cecropia adenopus</i> Mart	Urticaceae	9
11	Cedro-rosa	<i>Cedrela fissilis</i> Vell	Meliaceae	5
12	Café	<i>Coffea arábica</i> L.	Rubiaceae	1
13	Paineira	<i>Chorisia speciosa</i> A. St.-Hil	Malvaceae	20
14	Abiu	<i>Lucuma caimito</i> Roem	Sapotaceae	6
15	Murta-do-campo	<i>Myrciaria tenella</i> (DC.) O. Berg	Myrtaceae	2
16	Ipê-amarelo	<i>Tabebuia chrysostricha</i> Mart.	Bignoniaceae	1
17	Guapuruvú	<i>Schizolobium parahybum</i> Vell	Leguminosae	2
18	Grumixama	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	Myrtaceae	1
19	Pau-ferro	<i>Caesalpinia férrea</i> Mart. ex. Tul. var. <i>leiostachya</i>	Leguminosae	3
20	Ipê-roxo	<i>Tabebuia avelanedae</i> Lor. Ex Griseb.	Bignoniaceae	1
21	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> Berg.	Myrtaceae	4
22	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Leguminosae	4
23	Oiti	<i>Licania tomentosa</i> Benth.	Chrysobalanaceae	7
24	Castanha-do-maranhão	<i>Bombacopsis glabra</i> (Pasq.) A. Robyns	Malvaceae	11
25	Jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Palmae	29
26	Palmeira-bambú	<i>Chamaedorea erumpens</i> H. Moore	Palmae	62
27	Licuala	<i>Licuala amplifrons</i> Miq.	Palmae	21
28	Amoreira	<i>Morus sp.</i>	Moraceae	1
29	Palmeira-imperial	<i>Roystonea regia</i> (HBK.) Dombey ex DC.	Palmae	23
30	Jabuticabeira	<i>Myrcia cauliflora</i> Berg	Myrtaceae	5
31	Jameloeiro	<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	Myrtaceae	2
32	Angelim-do-campo	<i>Andira anthelmia</i> Vell.	Leguminosae	1
33	Eucalipto-australiano	<i>Eucalyptus acmenoides</i> Schau	Myrtaceae	7
34	Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	9
35	Pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam	Leguminosae	1
36	Araucária	<i>Araucaria angustifolia</i> Bert.	Araucariaceae	1



**Figura 1.** Croqui da área do Parque Centenário: J1 a J10, canteiros. Os números correspondem às espécies catalogadas na Tabela 1, com suas respectivas famílias e quantidade de indivíduos.